

**A ALTERNÂNCIA TEU/SEU EM CARTAS MINEIRAS
OITOCENTISTAS E NOVECENTISTAS**

Ludmila Reis Pinheiro (UFMG)
ludmilarpletras@hotmail.com

RESUMO

A inserção do *você* no sistema pronominal do português brasileiro orientou a migração do possessivo *seu* também para a referência à 2ª pessoa do singular ao lado do prototípico *teu*, discutido por Lopes (2007). Assim, neste trabalho, o objetivo foi identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos relevantes à dinâmica *teu/seu* em missivas históricas em amostras de cartas mineiras entre os séculos XIX e XX, à luz principalmente dos princípios norteadores da Sociolinguística Histórica, de acordo com Conde Silvestre (2007).

Palavras-chave:

Teu/Seu. Cartas mineiras. Variação e mudança.

ABSTRACT

The insertion of the *você* in the Brazilian Portuguese pronominal system guided the migration of the possessive *seu* also to the reference to the 2nd person singular alongside the prototypical *teu*, discussed by Lopes (2007). Thus, in this work, the objective was to identify the linguistic and extralinguistic contexts relevant to the *teu/seu* dynamics in historical missives in samples of letters from Minas Gerais between the 19th and 20th centuries, considering principles of Historical Sociolinguistics, according to Conde Silvestre (2007).

Keywords:

Teu/Seu. Variation and change. Letters from Minas Gerais.

1. Introdução

A expressão pronominal variável de posse vinculada à 2ª pessoa do singular (doravante 2SG) constitui uma das repercussões gramaticais da reorganização do sistema pronominal do português brasileiro (doravante PB). A inserção do *você* no sistema pronominal do PB orientou a migração do possessivo *seu(sua)* também para referência à 2SG ao lado do prototípico *teu(tua)*, demonstrando outras combinações, como: *Você_i* disse que eu *te_i* acharia na faculdade para pegar *teu_i* livro (LOPES, 2007). O impulso da variação (Cf. TARALLO, 1997), portanto, atingiu o paradigma de possessivos de 2SG (*teu*). Dessa forma, como uma espécie de mapeamento histórico acerca do genitivo *teu/seu* correlacionados aos pronomes-sujeitos *tu* e *você*, analisa-se amostras brasileiras mineiras,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

produzidas entre os séculos XIX e XX, conforme ilustrado no dado transcrito em 1 e na imagem 1 (fac-símile) a seguir:

- (1) “[...] agora vindo pela Diamantina não precisa de tantos dias no lombo do animal como sabes Sonhei que você, mandou o Caio e Yolanda aqui [...] tenho recebido tudo o que me tens, mandado, apreciei muito *teu*, livro [...]” (Carta de MBCS, 19/06/1905.)

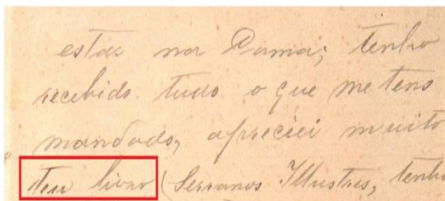
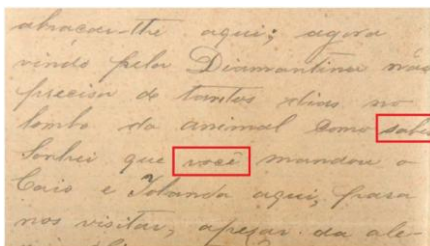


Imagem: Carta de MBCS como exemplo de combinações pronominais. (MBCS, 19.06.1905, fôlio 1v e fôlio 2r).

Tendo em vista o exposto, estudos mostraram que o possessivo *seu* na referência à 2SG seguiu a inserção do *você* no sistema pronominal do PB, além disso, *seu* assume um comportamento polifuncional correspondente ao *você* no decorrer do tempo conforme Lucena (2016). Esperou-se nesta pesquisa que o possessivo *seu* fosse mais produtivo em cartas mineiras, de acordo com Lopes e Rumeu (2015). Este trabalho apresenta uma parte/fase que visa discutir um dos objetivos de pesquisa de doutorado, qual seja: investigar alguns contextos linguísticos e extralinguísticos relevantes à dinâmica *teu/seu* em missivas históricas mineiras oitocentistas e noventaentistas.

2. Pressupostos teórico-metodológicos

Em Sociolinguística Histórica (doravante SH), as questões metodológicas são diferentes das propostas para trabalhos sob o viés sincrônico, isso porque o estudo sociolinguístico das formas históricas da linguagem baseia-se em registros de períodos anteriores, os quais, obviamente, são incompletos e fragmentários, que sobreviveram no interior dos arquivos públicos e privados, ou seja, a SH “deveria desenvolver seus próprios objetivos, metodologias e teorias” (BERGS, 2005, p. 21). A busca pela expressão do vernáculo de sincronias passadas a partir do seu testemunho escrito é conduzida necessariamente pelo filtro da norma-padrão. Dessa forma, a constituição da amostra se coloca como um desafio ao pesquisador de SH, uma vez que as fontes linguísticas pretéritas advêm de gêneros textuais escritos e serem normalmente “fragmentárias, escassas e dificilmente vinculáveis à produção real de seus falantes”, conforme Conde Silvestre (2007, p. 35). Isso revela o necessário e complexo trabalho de busca por traços do vernáculo do PB de sincronias passadas, de acordo com (Cf. AGUILAR, 1998).

Para esse trabalho, a carta se destaca, pois se configura como um espaço discursivo e comunicativo, sendo plausível de se identificar a relação estabelecida entre interlocutores em determinado contexto, grau de intimidade e memórias de condições de vida de uma época. Ademais, possibilita o resgate do remetente, local, ano, bem como se encontra traços do vernáculo, tendo em vista Berlinck, Barbosa e Marini (2008). Na interação verbal, os gêneros discursivos organizam enunciados para a comunicação humana, visto em (Cf. BAKHTIN, 2000), e são arranjados de forma culturalmente diferente (Cf. MARCUSCHI, 2003). Nesse sentido, a carta, enquanto um tipo de gênero, apresenta características diferentes a depender da situação sociocomunicativa, conforme Watthier (2012), sendo um “gênero com uma grande variedade de conteúdos, funções sócio-comunicativas e estruturas macrotextuais” (SOUTO MAIOR, 2001, p. 4).

O trabalho de constituição de amostras confiáveis aos estudos linguísticos está de conformidade com a perspectiva de análise de Lobo (2009, p. 307) da qual se entende que a partir de 1995 se estreia “nos estudos histórico-diacrônicos do português brasileiro, uma fase que se caracterizará pela laboriosa tarefa de construção de uma filologia de textos escritos no Brasil (...)”. Cabe ao linguista-pesquisador a tarefa de levantamento e de seleção das fontes que se mostrarem sensíveis aos principais parâmetros de uma análise da SH, passando necessariamente pela

reconstituição dos perfis sociais dos redatores (Cf, RUMEU, 2013).

Considerando que este trabalho tem uma regra variável binária (*teu/seu*), apresenta-se uma breve síntese, no quadro a seguir, das variáveis independentes (linguísticas e extralinguísticas) a serem testadas, tendo vista os contextos observados por Barbosa (2018), Lucena (2016), ambos orientados pela análise de missivas históricas, e por Vargas (2014), embasado em cartas de leitores de jornais oitocentistas e novecentistas.

Grupos de fatores	Hipóteses	Pesquisas		
		Vargas (2014)	Lucena (2016)	Barbosa (2018)
Referente	Sujeito da carta <i>você</i> condiciona o uso de <i>seu</i>	Não corrobora	Corrobora	Não corrobora
Posição do possessivo	Posposto ao nome = interpretação indefinida da posse	Não corrobora	Não corrobora	–
Localização no documento	<i>Seu</i> influenciada pela estruturação fixa do documento	–	Não corrobora	–
Relação entre os missivistas	<i>Seu</i> seria mais empregado em relações ascendentes (inferior para superior)	–	Corrobora	Corrobora
Período	<i>Seu</i> mais produtivo dos anos 30 do século XX e posteriormente	Corrobora	Corrobora	Não corrobora
Subgênero da Carta	Usa-se <i>seu</i> em carta de amizade e entre amigos	–	Corrobora	Corrobora

Fonte: Elaboração própria.

2.1. O trabalho com missivas históricas: as amostras de cartas pessoais em cena

A amostra deste trabalho pertence ao Projeto “Para uma sociolinguística histórica do Português Brasileiro: variação sincrônica e mudança diacrônica (Fase II)”¹, que tem acesso a um conjunto de missivas históricas, conservadoramente editadas, produzidas por escreventes que nasceram e/ou viveram em Minas Gerais no decorrer dos séculos XIX e XX. Sobre o aspecto da autenticidade, as cartas são autógrafas de missivistas

¹ As informações sobre o projeto estão disponíveis no site <http://www.letras.ufmg.br/padrao/cms/?web=marciarumeu&lang=1&page=1658&menu=995&tipo=1>.

brasileiros nascidos em Minas Gerais (aspecto constatado, por exemplo, pela comparação entre a letra da redação da carta e a letra de sua assinatura, bem como outras cartas redigidas pelo mesmo autor). Nos documentos, há fichas de identificação em que são registrados o acervo, o local e a data da carta, o nome do autor, a data e o local de nascimento. A respeito do aspecto validade social e histórica, a própria carta pessoal fornece pistas a respeito das características do autor e da comunidade (nesse aspecto, o emprego produtivo de abreviaturas demonstra informante habilidoso em escrita, bem como o vocabulário variado e as narrativas coesas, o conteúdo mostra contato com moldes históricos de escrita).

Lida-se com um conjunto de missivas conservadoramente transcritas em suas expressões fac-similar e semidiplomática (Cf. SPINA, 1977) sem qualquer intervenção relacionada à grafia, à pontuação e às demais práticas textuais específicas dos séculos XIX e XX. Ainda que as amostras de missivas estejam pouco equilibradas em relação à distribuição das cartas pelas variáveis extralinguísticas, como gênero, faixa etária, nível de escolaridade, é importante compreender tal limite como específico das amostras históricas, cabendo ao linguista-pesquisador, portanto, o desenvolvimento de metodologia própria com vistas a constituição de uma sociolinguística histórica do português brasileiro.

A seguir, apresenta-se a descrição da amostra utilizada nesta pesquisa, que se constitui por vinte escreventes, sete mulheres e treze homens. São 133 cartas, sendo 46 de mulheres e 87 de homens, garimpadas no Acervo de Escritores Mineiros e no Acervo Público Mineiro.

Local	Escrevente	Subgêneros textuais		Período			Total
		Familiar	Pessoais	1868-1914	1915-1930	1931-1998	
AEM	AR		3		2	1	3
AEM	HL		16			16	16
AEM	MRVL	11		1	2	8	11
AEM	AL	1				1	1
AEM	JLJ	2			1	1	2
AEM	JCL	8			2	6	8

AEM	MJLB	9				9	9
AEM	CLB	1				1	1
AEM	MAVP	6				6	6
AEM	MM		8			8	8
AEM	WM	3				3	3
AEM	AGN		11			11	11
AEM	AGF		11			11	11
AEM	LR	2				2	2
AEM	OLR		15			15	15
AEM	AM	7				7	7
APM	JP	5	9	14			14
APM	NS	1		1			1
APM	MBS	2		2			2
APM	CCR	2		2			2

Fonte: Elaboração própria.

2.2. O tratamento dos dados históricos no âmbito do RBrul (RStudio): alguns encaminhamentos metodológicos

Tendo em vista as potencialidades da linguagem R e a sua interface no RStudio (*script*), notam-se possibilidades de apoio quantitativo para explicações sobre o fenômeno linguístico variável. Em termos gerais, o RBrul, também na interface do RStudio, permite o ajuste dos dados, conduz o cruzamento das variáveis fatoriais e a função “modelar”, evidenciando assim a rodada multivariável especificamente nos níveis *step-up&step-down*² em que são gerados, pois, os índices probabilísticos (pesos relativos) da regra variável em análise (Cf. AVELHEDA BANDEIRA; SOUZA GUERREIRO, 2019).

Em síntese, a ideia é utilizar da linguagem R como método de

² Segundo Guy & Zilles (2007, p. 62), a rodada multivariacionista *step-up&step-down* corresponde a um método automático de seleção de modelos, que também recebe outras denominações, como *stepwise*, *forward* e *backward*.

tratamento dos dados, principalmente em relação à sua interface no RStudio através do Rbrul, para a produção, em rodada multivariável, dos índices probabilísticos da regra variável (*teu/seu*).

3. Resultados gerais

Foram analisadas 133 cartas, extraídas 436 ocorrências (oco) de dados dos possessivos *teu* e *seu*. Serão examinados primeiramente os índices percentuais³ dos grupos de fatores elencados como hipóteses de condicionadores do possessivo *seu*. Em seguida, serão descritos resultados da alternância *teu/seu*, assumindo o possessivo *seu* como valor de aplicação nos níveis de *step-up&step-down* do RBrul na interface do RStudio, de acordo com Oushiro (2014).⁴

3.1. Resultados percentuais

Considerando a alternâncias dos possessivos *teu/seu* em referência à 2SG, a hipótese era a de que *seu* seria mais produtivo em cartas mineiras, uma vez que resultados mostraram *ovocê* mais produtor, visto em Lopes e Rumeu (2015, p. 17-18).

	Teu	%	Seu	%	Total
Total	87	20,0	349	80,0	436

Oteve-se 20% de oco do possessivo *teu* e 80% de *seu*, o que vai ao encontro dos resultados de Lopes e Rumeu (2015) encontrados para o *você*, tendo um caminho semelhante.

A seguir ilustram-se dados das formas possessivas em cartas mineiras:

(a) “Como é que você, diz que eu não lembro [...] do nosso bemsinho? *se-o*, JP.” (JP.RJ, 9/11/1890)

³ Como a pesquisa está em estágio inicial, ainda há mais dados a serem coletados para tentar preencher as células de forma que se tornem quase ortogonais, conforme Guy e Zilles (2007, p. 52).

⁴ Como os dados ainda não se configuram ortogonais, isso pode implicar na correlação entre porcentagem e peso relativo, portanto, explicações de cunho qualitativo com base em estudos realizados sobre o tema auxiliam na análise.

(b) “Meo caro Edmundo Nem sei, meo infeliz amigo, que palavras d. consolação nesta hora para Você tão escura, possa eu descobrir que te levassem o conforto de que precisas. Por que havia esta desgraçada fatalidade d. te-ferir assim a Você a *tua*, santa esposa e aos teos filhinhos?! [...] e que Você, não deixaria também soffrer nunca um filho meo...” (JP.Caeté, 29/12/1896)

(c) “Minha querida Henriqueta, Muito obrigada pela *tua*, cartinha de cumprimentos, pela revista e pela Flamma. Gostei muito da conclusão do artigo da Maria Jacintha Trovão de Campos. Principalmente do final, que valeu ouro. O *seu*, retratinho no meio dos Academicos eu já possuía um, que por signalesta guardado com muito carinho. Por falar em retratos, nós tiramos um, para enviar a vocês. [...] Não penses, que no nosso quintal só temos lenha. [...]” (AL.Ibiracy, 04/09/1931)

Passe-se à exposição de resultados percentuais em relação às variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

3.1.1. Grupo de fator: Período

A respeito da variação entre *tu* e *você*, a partir dos anos 1930, o pronome *você* era encontrado em abundância, assumindo um comportamento de legítimo de pronome de 2ª pessoa, reorganizando, assim, o sistema pronominal do PB (Cf. LOPES; RUMEU, 2015). Tendo em vista essa reorganização impulsionada pelo *você*, a hipótese trabalhada nesta pesquisa é a de que o possessivo *seu* em referência à 2SG seria encontrado a partir de 1930 e anos posteriores, conforme Vargas (2014) e Lucena (2016). Esse grupo foi dividido em três fases (fatores): (i) 1868 a 1914(ii) 1915 a 1930 e (iii) 1931 a 1998.

Tabela: % de frequência *teu/seu* no Grupo de fator Período.

	Fatores	Teu	%	Seu	%	Total
Período	1868 a 1914	52	47,3	58	52,7	110
	1915 a 1930	17	60,7	11	39,3	28
	1931 a 1998	18	6,0	280	94,0	298

Assim, os resultados mostraram que houve 110 oco em (i), 28 oco em (ii) e 298 oco de possessivos no período de (iii). A frequência de uso do possessivo *seu* foi alta em (i) e (iii), respectivamente 58 oco (52,7%) e 280 oco (94%). *Seu* foi menos produtivo em (ii)⁵, tendo 11 oco (39,3%),

⁵ Ressalta-se que há poucas ocorrências na fase (ii), uma vez que esta pesquisa se encontra em estágio inicial. As células ainda não são ortogonais, conforme Guy e Zilles (2007).

ao passo que, nesse período, *teu* teve mais ocorrências, totalizando 60,7% de uso. Dessa maneira, os índices percentuais desta pesquisa mostram que na fase 1931 a 1998, há 94% de uso de *seu* ao passo que *teu* teve 6%, evidenciando que o possessivo *seu* seria mais produtivo a partir da década de 1930 e adiante, ancorado em Vargas (2014) e Lucena (2016).

3.1.2. Grupo de fator: Subgênero da carta

Cada situação sociocomunicativa exhibe características distintas, portanto a “carta se constitui um gênero com subgêneros” (SOUTO MAIOR, 2000, p. 11). Baseado em Lucena (2016) e Barbosa (2018), subdividiu-se o gênero carta em dois tipos (fatores): (i) pessoais (sem laços consanguíneos, como a de amizade) e(ii), familiar (laços consanguíneos), tendo como hipótese de que se encontraria maior uso de *seu* em cartas pessoais. A alternância *teu/seu* pode acontecer dependendo do grau intimidade (maior/menor) entre remetente e destinatário “presentes nos diferentes subgêneros da carta (...) uma vez que a temática da carta e o teor da mesma influenciam nas utilizações pronominais” (LUCENA, 2016, p. 159-64).

Tabela: % de frequência *teu/seu* no Grupo de fator Subgênero.

	Fatores	Teu	%	Seu	%	Total
Subgênero	Pessoal	48	18,1	217	81,9	265
	Familiar	39	22,8	132	77,2	171

Desse modo, os resultados mostraram que houve 265 oco de possessivos em cartas (i) e 171 oco em (ii). A frequência de uso do possessivo *seu* foi alta em ambos os tipos de carta, respectivamente em (i) 217 oco (81,9%) e em (ii) 132 oco (77,2%). Observa-se também um índice elevado de uso de *seu* em cartas familiares, 77,2%. Nota-se, por meio desse grupo de fatores, amplo uso do possessivo *seu* para se referir à 2SG, pois mesmo no subgênero carta familiar, esperado que ocorresse menos, o índice foi alto. Assim, os índices percentuais mostram abundante produtividade de *seu* em cartas pessoais com 81,9% ao passo que *teu* obteve 18,1%, apontando que o possessivo *seu* seria mais produtivo em cartas pessoais, de acordo com Lucena (2016) e Barbosa (2018).

3.1.3. Grupo de fator: Relações sociais

O fato de o presente trabalho analisar cartas típicas do século XIX e início do XX, espaços temporais em que aspectos de poder, solidariedade e cortesia se fazem bastante marcados, algumas relações e papéis sociais podem aparecer bastante delimitados na sua produção escrita. Os pronomes e expressões de tratamento “exprimem o grau de distanciamento e a subordinação em que uma pessoa voluntariamente se põe em relação a outra”, de acordo com Berlinck, Barbosa e Marini (2008). No PB, quando da ascensão da burguesia ao poder e em seguida da sociedade estratificada, *vós* assumiu a forma *Vossa Mercê* que iria, com o passar do tempo, assumir a forma *você*. *Vossa Mercê* sofre um processo de gramaticalização (Cf. RUMEU, 2013), resultando no pronome *você*. O inovador *você* apresentava um comportamento polifuncional, ora funcionando como forma de tratamento respeitoso, de deferência, ora covariando com *tu* para referência à 2SG. Dessa forma, baseado em Lucena (2016) e Barbosa (2018), dividiu-se as relações sociais em três tipos (fatores): (i) simétrica (entre interlocutores de igual poder, como amigo-amigo, irmão-irmão, primo-primo, irmã-irmã, irmão-irmã), sendo que quanto maior proximidade haveria uma relação simétrica marcada pelo uso de *teu* (paradigma de *tu*), (ii) assimétrica/ascendente (interlocutor inferior se dirige ao seu superior, como sobrinha-tia, afilhada-madrinha, sobrinho-tio, para pessoas ilustres, filho-mãe) e (iii) assimétrica/descendente (interlocutor superior se dirige ao seu inferior, como tio-sobrinho, mãe-filho, mãe-filha), nessas duas últimas relações, uma vez tendo menor proximidade, dar-se-iam as relações assimétricas em que haveria maior produtividade de *seu*(paradigma de *você*).

Tabela: % de frequência *teu/seu* no Grupo de fator Relações Sociais.

	Fatores	Teu	%	Seu	%	Total
Relações Sociais	Ascendente	25	43,9	32	56,1	57
	Descendente	3	4,1	71	95,9	74
	Simétrica	62	20,3	243	79,7	305

Assim, os resultados mostraram que houve maior uso de possessivos nas relações simétricas com 305 oco. Já nas relações assimétricas houve, ao todo, 131 oco, sendo 57 oco nas ascendentes e 74 nas descendentes. A frequência de uso do possessivo *seu* foi alta em ambos os tipos

de relações sociais, tendo respectivamente em (i) 243 oco (79,7%), (ii) 32 oco (56,1%) e (iii) 71 oco (95,9%). As relações (ii) e (iii) tiveram índices a serem mais bem estudados em estágios futuros da pesquisa. Em (ii), os valores de *teu* e *seu* estão relativamente próximos, mas esperava-se relações menos solidárias e mais hierarquizadas. Isso foi observado em (LUCENA, 2016, p.155) paracasos da primeira metade do século XX, “há um hibridismo e uma polifuncionalidade relacionada ao uso do pronome *seu*, que ora é mais íntimo, ora marca respeito e distanciamento”. Os resultados desta pesquisa se assemelham aos de Lucena (2016) e Barbosa (2018) tendo em vista a hipótese deste grupo de fatores. Já o uso de *teu* foi baixo em todos os fatores, visto também em Barbosa (2018).

3.1.4. Grupo de fator: Posição

Castro (2006 *apud* LUCENA, 2016, p. 19) indica que quando o pronome possessivo está anteposto ao nome, há interpretação definida da posse. Por outro lado, possessivos pós-nominais apresentariam interpretação indefinida.

Tabela: % de frequência *teu/seu* no Grupo de fator Posição.

	Fatores	Teu	%	Seu	%	Total
Posição	Anteposto	81	20,0	323	80,0	404
	Posposto	2	12,5	14	87,5	16
	Elipse	5	45,5	6	54,5	11
	Predicativo	2	40,0	3	60,0	5

Desse modo, os resultados mostraram que houve 404 oco de possessivos na posição anteposta ao nome, como “Recebi **teu** livro, conforme aviso e impressões que por carta, enderecei ao Eugenio. (LR, Varginha, 11 de dezembro de 1947)”; 16 oco na posição posposta ao nome, exemplo “Aguardo resposta sua, confiante de que será afirmativa, para não decepcionar o matinal coração dos dois poetas (OLR, Rio de Janeiro, 27 de abril de 1951)”; 11 oco na posição de elipse “Helena lhe manda um abraço. Outro do **seu** de sempre, mais uma vez agradecido (OLR, Bruxelas, 01 de dezembro de 1958)”, em que seu corresponde à palavra oculta ‘amigo’; 5 oco na posição de predicativo “Vi na Folha de Minas, outro dia, a lista de candidatos aos prêmios da Prefeitura e desejo sinceramente

que o prêmio de erudição seja seu êste ano (MAVP, Minas Gerais, Campanha, 29 de outubro de 1953)”. Como se nota, há poucos dados para as posições de elipse e predicativo, uma vez que a amostra ainda se faz em vias de construção, mas, mesmo nessas, *seu* se mostra mais frequente. Os índices percentuais desta pesquisa mostraram alta frequência do possessivo *seu* em todas as posições, sendo 323 oco de *seu* em posição anteposta ao nome, totalizando 80%, o que vai ao encontro da hipótese inicial, conforme Lucena (2016) e Barbosa (2018).

3.1.5. Grupo de fator: Localização no documento

A carta se configura como “lugar onde se encontram/conflitam as várias estratégias do autor/narrador e do receptor/leitor”, constituindo-se uma fonte promissora para a pesquisa da variação/mudança lingüística” (BERLINCK; BARBOSA; MARINI, 2008, p. 174). A escolha do destinatário acarreta e delinea a produção escrita de uma carta, vislumbrando-se seus níveis de formalidade. Dessa forma, as escolhas lingüísticas do missivista podem ser percebidas na estrutura formal e no conteúdo, respectivamente sua parte exterior/protocolo - composta por exórdio (abertura) e escatoloco (conclusão) – e sua parte interior, o texto, conforme (SPINA, 1977, p. 53). Baseado em Lucena (2016), pesquisou-se cinco localidades da carta em que os possessivos podem aparecer: (i) antes do cabeçalho, (ii) captação de benevolência, (iii) núcleo da carta, (iv) despedida. A hipótese era de que os possessivos seriam influenciados por partes mais fixas do protocolo, (ii) e (iv).

Tabela: % de frequência *teu/seu* no Grupo de fator Localização no documento.

	Fatores	Teu	%	Seu	%	Total
Localização no documento	Antes do cabeçalho	2	40,0	3	60,0	5
	Núcleo	71	21,3	262	78,7	333
	Despedida	9	18,0	41	82,0	50
	Benevolência	6	12,5	42	87,5	48

Assim, os índices percentuais desta pesquisa mostraram apenas 05 oco de possessivos foram encontradas na parte (i). A maior parte de possessivos ocorreu na parte (iii), 333 oco. As partes (ii) e (iv) tiveram, respectivamente, 48 oco e 50 oco. Em (iii) houve 262 oco (78,7%) de *seu* e

71 oco (21,3%) de *teu*. Nota-se uma alternância, mas com prevalência de *seu*. Nas partes (ii), exemplo “Meu caro Murilo: Recebí hoje **sua** segunda carta. (LR, Varginha, 11 de dezembro de 1947)”, e (iv), exemplo “No mais, a velha solidariedade de sempre do **seu** velho Otto. (OLR, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1949)”, percebe-se preferência, quase fixa, do possessivo *seu*, tendo 82% e 87,5% de uso. Constatou-se certa sugestão de que a estrutura do documento pode influenciar na escolha dos possessivos, sendo a forma *seu* encontrada em predominância na parte exterior/protocolo e se alternando na parte interior, texto/núcleo.

3.2. Resultados estatisticamente relevantes

Lembrando que a variável dependente (*teu/seu*) tem valor de aplicação do possessivo *seu*, por ser a forma considerada inovadora, os resultados estão em conformidade com seu comportamento nos níveis *step-up&step-down* em relação aos contextos internos (*referente do possessivo, posição do possessivo em relação ao nome, localização do possessivo na carta*) e externos (*relação social entre os missivistas, período, subgênero da carta pessoal*).

Para passar-se à leitura dos resultados, alguns conceitos são relevantes: (i) *input* = equivale ao índice de produtividade do valor de aplicação para certa regra variável (>0,40 indica que a regra é produtiva, <0,40 sinaliza pouca produtividade), (ii) *p-value* (valor de confirmação da hipótese nula, tendo correlação ou não entre os grupos de fatores e a variável dependente, sendo valor menor que 0,5 = hipótese nula rejeitada), (iii) pesos relativos (PR - efeito do fator em relação à variável dependente, acima de 0.50 é condicionante) e (iv) *logodds* (possibilidade de aplicação da variável: valores positivos = favorecem aplicação da regra variável em questão; valores negativos = desfavorecem).

Nos resultados encontrados, após alcançados os níveis *step-upandstep-down* e com seu devido *match*, obteve-se um *input* de 1, ou seja, >0,40, sinalizando que o valor de aplicação *seu* é altamente produtivo. Esse valor está em sintonia com o índice geral de *seu* que foi de 80% de frequência, já *teu* teve 20%. Chega-se também aos grupos de fatores selecionados pelo Rbrul como condicionantes do valor de aplicação *seu*: Referente da carta (~0), Período (~0) e Subgênero (~0).

O *p-valor* das variáveis independentes (grupos) foi de ~0, ou seja, é menor que o valor de corte 0,5 para rejeitar a hipótese nula, indicando

que são altamente significativos e condicionantes para aplicação da regra *seu*. Passa-se à descrição desses grupos.

Tabela: Grupo de fator Referente da carta. Valor de aplicação *seu*.

Referente	seu (o-co)	%	PR	logodds
Sujeito/você	267	97	0.99	5.576
Sujeito/não explícito	64	85,9	0.99	5.648
Sujeito/tu e você	78	34,6	0.91	2.386
Sujeito/tu	27	29,6	0.01	-13.610

Mostraram-se correlatos os valores em termos percentuais, probabilísticos (PR) e de *logodds* para o fator *Sujeito/você*, sendo 97%, PR=0.99 (acima de 0.50 é condicionante) e *logodds* 5.576 (se positivos são influenciadores).

Os valores dos fatores *Sujeito/não explícito* e *Sujeito/tue você* de porcentagem, 85,9% e 34,6%; probabilísticos (PR), 0.99 e 0.91; *logodds*, 5.648 e 2.386, quando conjugados, não se mostraram tão correlatos, mas são condicionantes do possessivo *seu*.

Tabela: Grupo de fator Subgênero da carta. Valor de aplicação *seu*.

Subgênero textual	seu (o-co)	%	PR	logodds
Pessoal	265	81,9	0.99	10.126
Familiar	171	77,2	0.01	-10.126

A conjugação dos valores em termos percentuais, probabilísticos (PR) e de *logodds* demonstram que as cartas de subgênero pessoal condicionam a produtividade de *seu*.

Tabela: Grupo de fator Período da carta. Valor de aplicação *seu*.

Período	seu (oco)	%	PR	logodds
1931 a 1998	304	94	0.99	13.526
1915 a 1930	22	22,7	0.02	-7.309
1868 a 1914	110	52,7	0.01	-6.216

A conjugação dos valores em termos percentuais, probabilísticos (PR) e de *logodds* demonstram que o período 1931 a 1998 impulsiona a produtividade de *seu*.

4. Conclusão

Este trabalho investigou algumas variáveis linguísticas e extra-linguísticas relevantes à dinâmica *teu/seu* em referência à 2SG em missivas históricas mineiras oitocentistas e novocentistas.

Ressalta-se que esta amostra de dados ainda é pouco equânime por estar em estágio inicial, embora o não equilíbrio na distribuição de dados em *corpora* históricos seja uma realidade e desafio ao linguista-pesquisador da área. Os dados desta pesquisa foram analisados em termos percentuais, para checar a influência dos contextos (variáveis independentes) em relação à variável dependente *teu/seu* e, em sequência, descreveram-se resultados probabilísticos para a regra variável, como valor de aplicação *seu* (inovador).

Os resultados encontrados mostraram que, entre os anos de 1868 a 1998, o possessivo *seu* foi mais encontrado em missivas mineiras, 80% de frequência de uso. E as variáveis linguísticas e sociais que se mostraram como condicionantes da forma possessiva inovadora são: Referente da carta, Período e Subgênero. Ambas tiveram p-valor de ~ 0 , sinalizando alta influência na produtividade de *seu*. Esta pesquisa sobre a expressão pronominal variável de posse vinculada à 2SG, em estágio inicial, cumpre, assim, seu primeiro objetivo: identificar contextos propulsores de produção do possessivo *seu*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILLAR, R. C. Presencia de lo oral en lo escrito: la transcripción de las declaraciones en documentos indianos del siglo XVI. In: OESTERREICHER, W.; STOLL, E.; WESCH, A. (Ed.). *Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas: aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII*. Tübingen: Narr, 1998, p. 239-240.

AVELHEDA BANDEIRA, A. C. C.; SOUZA, S. C. G. *Passo a passo para uso do R-Brul*. 2019 (Curso de curta duração ministrado/Extensão).

BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. Trad. de Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, G. M. O. *O uso dos pronomes possessivos teu e seu em cartas pessoais de sertanejos baianos do século XX*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2018.

BERGS, A. The Uniformitarian Principle and the Risk of Anachronisms in Language and Social History. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, J.M.; CONDE-SILVESTRE, J.C. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 80-98

BERLINCK, R. DE A.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. DE C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico a língua. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, 17, p.169-195, maio, 2017. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/995>.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística Histórica*. Madrid: Gredos, 2007.

CASTRO, Ana. (2006). On possessives in portuguese. Tese (Doutoramento) – Universidade Nova de Lisboa/Université Paris 8. In: LUCENA, R. O. P. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LOBO, T. C. F. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro. In: KLEBSON, O.; JULIANA, S.; HIRÃO, F. (Org.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2009. v. 1. p. 305-27

LOPES, C. R. S.; RUMEU, M. C. B. A difusão do você pelas estruturas sociais carioca e mineira dos séculos XIX e XX. *LABORHISTÓRICO*, 2015, n. 1, v. 1, p.12-25. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/4782/3490>.

LOPES, C. R. S. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, S.F.; VIEIRA, S.R. (Orgs). *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 103-14

LUCENA, R. O. P. *Pronomes possessivos de segunda pessoa: a variação teu/seu em uma perspectiva histórica*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â.P.; MACHADO, A.R.I.; BEZERRA, M.A. (Orgs). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 19-36

RUMEU, M. C. B. *Língua e sociedade: a história do pronome ‘Você’ no português brasileiro*. Rio de Janeiro: Ítaca (FAPERJ), 2013.

SOUTO MAIOR, Ana Christina. O gênero carta – variedade, uso e estrutura. *Ao Pé da Letra*, p. 1-13, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaleta/article/view/231485/25588>.

SPINA, S. *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix/Universidade de São Paulo, 1977.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

WATTHIER, L. Revisitando uma história guardada no tempo: estudo do gênero discursivo carta de amor à luz de teorias bakhtinianas. *Intratextos*, v. 4, n. 1, p. 71-87, 2012. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/2028/3377>.